

Conhecimento científico, saber e praticabilidade: algumas contribuições para a mobilização do conhecimento

Scientific knowledge, popular knowledge and practicability: some contributions to knowledge mobilization

Conocimiento científico, saber y practicabilidad: algunas contribuciones a la movilización del conocimiento

Ivanise Monfredini¹

Resumo: Neste ensaio discute-se a noção de mobilização do conhecimento a partir dos conceitos de praticabilidade, conhecimento científico e saber, conforme são considerados, o primeiro, por Danilo Romeo Streck e os dois últimos por Álvaro Vieira Pinto. O objetivo foi o de contribuir com a construção da ideia de mobilização do conhecimento como alternativa a orientar o trabalho de pesquisa em ciências sociais, nas universidades. Inicialmente, foram retomadas as ideias de mobilização do conhecimento apresentadas em Naidorf (2014), Naidorf e Perrota (2015), Naidorf e Alonso (2018), Naidorf, Perez Mora e González Ríos (2018), para, em seguida, cotejá-las com as contribuições de Streck (2016) e Pinto (1979). A conclusão é a de que, apesar da pouca densidade histórica, a mobilização do conhecimento pode se constituir em alternativa.

Palavras-chave: Mobilização do conhecimento. Conhecimento científico. Praticabilidade. Saber.

¹ Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e psicóloga formada pela UMC (Universidade de Mogi das Cruzes). Integra o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Católica de Santos, onde Coordena a Cátedra Dom Paulo Evaristo Arns. É líder do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas em Educação: Trabalho e Formação. Integra o Grupo de Trabalho "Ciencia social politizada (GT CLACSO 2019-22) e é membro da rede RESIEDU (Red de Estudios sobre Instituciones Educativas). E-mail: ivanise.monfredini@unisantos.br

Abstract: This essay discusses the notion of knowledge mobilization based on the concepts of practicability, scientific knowledge and popular knowledge, as they are considered, the first of which by Danilo Romeo Streck and the latter two by Álvaro Vieira Pinto. The objective was to contribute to developing the idea of knowledge mobilization as an alternative to advising social science research work in universities. Initially, the ideas of knowledge mobilization presented in Naidorf (2014), Naidorf and Perrota (2015), Naidorf and Alonso (2018), and Naidorf, Perez Mora and González Ríos (2018) were resumed to then be compared with the contributions by Streck (2016) and Pinto (1979). The conclusion is that, despite the low historical density, knowledge mobilization can be an alternative.

Keywords: Knowledge mobilization. Scientific knowledge. Practicability. Popular knowledge.

Resumen: Este ensayo discute la noción de movilización del conocimiento a partir de los conceptos de practicabilidad, conocimiento científico y saber, como se considera, el primero de Danilo Romeo Streck y los dos últimos de Álvaro Vieira Pinto. El objetivo fue contribuir a la construcción de la idea de movilización del conocimiento como alternativa para orientar el trabajo de investigación en ciencias sociales, en la universidad. Inicialmente, se les reanudó las ideas de movilización del conocimiento presentadas en Naidorf (2014), Naidorf y Perrota (2015), Naidorf y Alonso (2018), Naidorf, Pérez Mora y González Ríos (2018), para, luego, compararlos con los aportes de Streck (2016) y Pinto (1979). La conclusión es que, a pesar de la baja densidad histórica, la movilización del conocimiento puede ser una alternativa.

Palabras clave: Movilización del conocimiento. Conocimiento científico. Practicabilidad. Saber.

Introdução

O objetivo deste ensaio é trazer uma reflexão acerca das possibilidades da noção de mobilização do conhecimento para o fazer pesquisa em ciências sociais na universidade, no atual momento histórico. Uma vez que a noção de mobilização do conhecimento está em construção, esta reflexão pretende contribuir, trazendo uma abordagem sobre o conhecimento e a sua utilidade, duas ideias centrais que a compõem, a partir das abordagens de Streck (2016) sobre praticabilidade e de Pinto (1979) sobre o conhecimento e o saber.

Para iniciar, a noção de mobilização do conhecimento é apresentada a partir de análises produzidas no âmbito do Grupo de Trabalho Ciência Social Politizada- (GT-CLACSO). Nessa produção, emerge a ideia de uso do conhecimento como núcleo central da noção. Na sequência, problematiza-se essa ideia central de utilidade do conhecimento, apresentando, em contraponto, a aplicabilidade, como a propõe Streck (2016). Segue-se a análise sobre o conhecimento e o saber, fundamentadas em Pinto (1979), e as conclusões provisórias.

A mobilização do conhecimento

Nesse crítico momento da história do país, em que políticas públicas têm sido desmontadas, aviltando direitos conquistados pela população brasileira, é importante retomar temas aparentemente superados, entre eles, o da relação entre universidade e sociedade, especialmente, as classes populares. Como participantes da rede de pesquisadores latinoamericanos que compõem o Grupo de Trabalho Ciência Social Politizada (GT-CLACSO), temos realizado algumas reflexões em torno da ideia de mobilização do conhecimento, considerando a produção científica e tecnológica do nosso país. A noção de mobilização do conhecimento pode induzir a um repensar da relação universidade e classes populares, para contribuir com o enfrentamento dos problemas sociais, movimento que precisa ser realizado de acordo com os desafios que o tempo histórico impõe, uma vez a noção de mobilização do conhecimento traz implícita as contradições históricas desse mesmo tempo histórico, o século XXI. Como informa Naidorf (2014), a noção foi introduzida no Canadá, entre 2001 e 2002, com o objetivo de tornar os conhecimentos produzidos nas ciências sociais mais facilmente compreensíveis, acessíveis e,

em consequência, utilizáveis, gerando valor mais rapidamente. De acordo com Naidorf (2014, p.15), mobilização do conhecimento:

[...] is a concept that was introduced in Canada around 2001-2002 by SSHRC under the leadership of Dr. Renaud, and Vice-President Pamela Wiggin. Peter Levesque held the position of Deputy Director of Knowledge Products and Mobilization from 2002 to 2006. The definition of mobilization was taken from the French term mobilization, or making ready for service or action. At the time, it was felt (rather than supported by evidence) that the ability to use much of what was produced in the social sciences and humanities was hindered by the conceptual and physical inaccessibility of the production of this sector. Sets of initiatives were launched with the explicit intention of improving the conditions for uptake and utilization of academic production from this sector. It was thought that never before in history had so much useful information been gathered, yet so very little used.

A leitura de Naidorf (2014) acerca da experiência canadense em torno da mobilização do conhecimento sugere que a introdução dessa perspectiva em ciências sociais, por parte do Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas (Social Sciences and Humanities Research Council -SSHRC), não foi bem compreendida pelos pesquisadores da área, o que gerou muitos esforços para reverter essa situação.

Como assinalam Perrota e Naidorf (2015), a mobilização do conhecimento nessa perspectiva pressupõe que o mesmo seja *útil* para ser usado e que também seja *mutidirecional*, isto é, que o conhecimento, desde a sua criação até o seu consumo deve ser pensado a partir do critério da utilidade. Isso exige que os pesquisadores em ciências sociais pensem nos beneficiários daquele conhecimento. Uma das implicações, é, por exemplo, a produção de conhecimentos compreensíveis, acessíveis, para que possam espalhar-se e circular visando a sua utilização. Mas, como indica ainda Naidorf (2014), mobilização do conhecimento é muito mais do que divulgar. É reelaborar, é intermediar criadores do conhecimento, os cientistas, e seus possíveis usuários, além de tornar as informações acessíveis. Na perspectiva de Levesque, que liderou a implementação da mobilização do conhecimento no SSHRC- Canadá, divulgar se compara a, simplesmente, jogar as sementes no campo, sem considerar todo o trabalho que é necessário para que a semente brote, ou seja, sem arar a terra, semear, controlar pragas, irrigar, até fazer a colheita:

Levesque highlights the difference between mobilization and

dissemination with a simple example: dissemination is like sowing seeds; they will not grow if you do not follow all the necessary steps, like raking, watering, and pest control till the harvest. Put simply, it is not enough to disseminate knowledge to have real results, you have to do more (NAIDORF, 2014, p.16).

Naidorf e Perrotta (2015, p. 26) propõem essa noção para as ciências sociais, considerando aqueles conhecimentos que se encontram prontos para utilização dos atores a quem se ele é dirigido. Compreendida apenas dessa perspectiva, a noção de mobilização do conhecimento pode confundir-se com as exigências de mercado que, nesse momento histórico, definem fortemente as agendas científicas e a utilização do conhecimento pelos atores que não pertencem à universidade, movimentos esses determinados pela busca de diferencial competitivo e ampliação de margens de lucro. Desse modo, a noção de mobilização do conhecimento pode não apresentar possibilidades para o repensar a relação universidade e as classes populares, com vistas ao enfrentamento dos problemas sociais, pois, ao contrário, ela aparece muito mais como reflexo nas ciências sociais, da nova gestão pública¹ que modifica, por dentro o trabalho de pesquisa e da docência. As atuais condições nas quais os acadêmicos das universidades latinoamericanas fazem pesquisa, associadas às políticas universitárias e científicas, orientam o conhecimento para uma relevância traduzida principalmente em termos de divulgação científica. Impulsionados pelas políticas orientadas a partir do mercado, as tendências privatistas dão “o tom” às práticas de pesquisa, inclusive nas ciências sociais, associadas aos critérios produtivistas de avaliação, à competitividade, à incessante busca de financiamento e à rendição de contas. Nesse processo, mudam desde o porquê, o para quê, o para quem fazer pesquisa, até o julgamento sobre a relevância da pesquisa em ciências sociais. Por esses motivos, os pesquisadores do GT-CLACSO vêm ensaiando outras perspectivas para a noção de mobilização do conhecimento. Nesse momento crítico da história do país, a capacidade de manter o olhar crítico é fundamental para desenhar novos cenários, sujeitos, políticas e práticas. Esse é o exercício que se busca realizar nesse texto. Para iniciar, apresentam-se as elaborações criadas dentro do GT, em torno da noção de mobilização do conhecimento.

A mobilização do conhecimento

Naidorf e Perrotta (2015) problematizam e ampliam o conceito de

mobilização do conhecimento com a contribuição de cientistas como Varsavsky que propuseram a politização da ciência latinoamericana considerando a politização dos cientistas, tendo em vista que são os principais atores que produzem ciência. Varsavsky, segundo Naidorf e Perrota (2015), utiliza o conceito para propor uma consciência da ciência como bem público que seja produzida para resolver necessidades sociais.

A partir do conceito de ciência social politizada proposto em 1969 por Oscar Varsavsky, Naidorf e Perrotta indicam outro sentido para a noção de mobilização do conhecimento, ampliando a perspectiva originária da SSHRC. Como se entende ao ler as autoras, a ciência social politizada orienta a mudança no sentido emancipatório, para o quê o diálogo é ponto de partida: "la equivalencia de lo Otro y a la construcción de puentes de entendimiento con lo social, sin dejar de asumir el conflicto y la disputa como motor de los cambios emancipatorios" (NAIDORF E PERROTTA, 2015, p.26). Dessa forma, ao repensar a mobilização do conhecimento a partir da ciência social politizada, compreende-se que a atuação de pesquisadores pode constituir pontes entre universidade e sociedade, especialmente as classes populares, além de novas agendas de pesquisa e a criação de conhecimento compartilhado.

Além das contribuições de Naidorf e Perrota, outros participantes do GT trouxeram reflexões que resultaram no entendimento da mobilização do conhecimento como um campo de pesquisa, que envolve variados temas, e não tanto como categoria. Naidorf e Alonso (2018, p.81), tratando do tema sob essa perspectiva, consideram que "la movilización del conocimiento se concibe como aquel *campo de investigaciones* que se esfuerza por promover el uso del conocimiento científico" (Grifos nossos). Os referidos autores entendem que a mobilização do conhecimento pressupõe o uso do conhecimento, perspectiva que informa o processo todo da pesquisa:

En efecto, la movilización del conocimiento supone una doble concepción de la producción de conocimiento: por un lado asume como indispensable el uso del conocimiento producido y por tanto imbrica el uso como parte del proceso de producción de conocimiento a la vez que lo reconoce como tarea del investigador y de la investigadora (NAIDORF e ALONSO, 2018, p.81)

Essa mesma perspectiva de mobilização do conhecimento como campo de pesquisa se encontra na publicação de Naidorf, Perez Mora e González Rios

(2018, p.77), ao se referirem a ela como um campo de estudos, afirmando que o mesmo:

[...] promueve la comprensión de las políticas científicas orientadas al impacto social de la investigación científica, al análisis de su uso social, al estudio de los temas estratégicos, los mecanismos de evaluación que orientan las prácticas de lx(e)s científicx(e) s y los mecanismos que influyen la toma de decisión en torno a las agendas y su foco en la solución de problemas sociales.

As duas últimas proposições sugerem que, sob a ideia de mobilização do conhecimento, é possível abrigar diferentes estudos e pesquisas sobre ciência e tecnologia, realizados no campo das ciências sociais, abordando-os de uma perspectiva especial que é o uso dos conhecimentos científicos para a solução dos problemas sociais.

O que podemos observar, a partir dessas proposições sobre mobilização do conhecimento, é que se mantém a ideia presente desde a sua origem, no SSHRC, de que a mobilização do conhecimento é *conhecimento útil*, como indicam Naidorf e Alonso, (2018). Além disso, que essa utilidade do conhecimento poderia orientar um vasto campo de pesquisas em ciências e tecnologia, focalizando nessas análises o movimento, o impacto, a relação com a sociedade, especialmente no que se refere à busca de solução aos problemas sociais.

Com base no apresentado, é possível afirmar que a mobilização do conhecimento é uma ideia em construção, dado o curto tempo de sua existência e circulação. Se considerarmos a sua origem no SSHRC-Canadá, nota-se que essa noção carrega o mesmo projeto mais amplo destinado à ciência e à ciência social em especial, nesse momento histórico, que é a de operacionalização e nivelamento a partir dos seus resultados, induzindo a realização de uma ciência social performativa (BALL, 2010), gerenciável e contábil, considerando a perspectiva técnico-pragmática vigente no tempo histórico atual. Se assim for, e se a utilidade for pautada por essa perspectiva, corre-se o risco de ter a mobilização do conhecimento a serviço da utilização e manutenção da ciência social como legitimadora de ideologias pseudocientíficas, e, ainda, de explicações técnicas e gerenciais para problemas políticos.

Ao mesmo tempo, a noção de mobilização do conhecimento, como proposta no âmbito do GT CLACSO, traz a crítica potente como a de Varsavsky

e outros cientistas latinoamericanos, alinhados à visão de que a ciência e a tecnologia podem contribuir para a emancipação dos países colonizados latinoamericanos, o que exigiria dos pesquisadores um compromisso ético com as classes populares. Este nos parece um campo fecundo, tendo em vista a confusão que paira no atual momento histórico sobre o que, de fato, configura uma pesquisa de qualidade, geralmente considerada de acordo com a quantidade de publicações em periódicos científicos e de citações, o que gera pontos, para o que são consideradas também as avaliações dos periódicos no qual se publicou. Não há dúvida de que a circulação das ideias por meio dos artigos científicos é importante, mas não basta como critério de qualidade da pesquisa.

A noção de mobilização do conhecimento colocada em circulação pelo SSHRC- Canadá, pode, contraditoriamente, reconfigurar-se criticamente nas práticas de pesquisa e extensão, e se apresentar como alternativa ao atual quadro de confusão, de forma a relacionar a qualidade da pesquisa a um compromisso ético mais amplo, como é a solução dos problemas sociais, não só *para* as classes populares, mas *com* e elas. Dessa perspectiva, não cabe a dicotomia entre acadêmicos como produtores de conhecimentos e os sujeitos da pesquisa, como objetos.

As alternativas históricas refletem contradições. Assim, a noção de mobilização do conhecimento traz a contradição na sua característica principal, que é a utilidade do conhecimento como proposto pelo SSHRC-Canadá, seguindo um modelo que é imposto externamente à área. Ao mesmo tempo, o exercício de reflexão em torno do tema, a partir de perspectivas latinoamericanas, tem trazido para dentro dessa noção outras possibilidades, num processo de criação de conhecimentos de forma autodeterminada. Como a perspectiva crítica a partir da ciência social politizada.

Por se tratar de uma noção destituída, ainda, de densidade histórica, a mobilização do conhecimento necessita ser analisada e criticada para que se avance na direção deste outro significado, mais consistente e historicamente comprometido com os problemas e demandas das classes populares nos países latinoamericanos. O objetivo desse ensaio é contribuir com essa construção. Esse é o movimento que será realizado a seguir, a partir das contribuições de Streck (2016) no que se refere à praticabilidade do conhecimento.

Praticabilidade e mobilização do conhecimento

A mobilização do conhecimento pode encontrar-se com a fecundidade e a amplitude das experiências latinoamericanas, no que chamaremos aqui de pesquisas participativas, praticadas, inclusive, na educação popular, que envolvem ativamente as classes populares das mais diversas localidades. Sobre isso, é interessante trazer a reflexão de Streck (2016) em artigo no qual retoma os critérios das metodologias participativas em ciências sociais, para pensar a educação popular como prática científica de qualidade. No artigo, Streck (2016, p. 537) "propõe a discussão de critérios de qualidade e validade das metodologias participativas, as quais, desde sua origem na América Latina, apresentam importantes afinidades com a educação popular" e, quem sabe, pergunta-se, também com a noção de mobilização do conhecimento?

Ao longo do artigo, Streck (2016, p. 537) elenca e discute cinco tópicos - "a relevância social, a qualidade de descrição e de interpretação, a reflexividade coletiva, a qualidade da relação entre os sujeitos da pesquisa e a praticabilidade do conhecimento" - dos quais o último vale trazer para essa discussão, no diálogo com a mobilização do conhecimento. Streck (2016, p.544) explica por que utiliza o termo praticabilidade e não utilidade:

Uso o termo praticabilidade para distinguir o conhecimento produzido na pesquisa participante tanto da pesquisa aplicada, que gera o conhecimento para, então, aplicar ou "transferir" para a prática, quanto de praticidade, que tem uma conotação de comodidade e adaptação.

Assim, a praticabilidade sugere outra abordagem que não a linear, comumente atribuída à ciência e tecnologia, em que sua produção se dá na universidade e se espalha para a sociedade, ao encontro de possíveis usuários. Na sequência, Streck (2016, p.544) define sua compreensão do termo praticabilidade e, fundamentando-se em Dewey e Paulo Freire, afirma que: "Praticabilidade refere-se à possibilidade de *retroalimentar* a prática no processo de pesquisa para, assim, gerar uma teoria mais coerente com a prática (grifo nosso)".

A retroalimentação refere-se à troca de conhecimentos entre os envolvidos, os cientistas e os grupos sociais. Como indica o autor, nas metodologias participativas não se concebe "um conhecimento desvinculado da experiência de vida e da práxis do sujeito como ser histórico" (STRECK, 2016,

p.544). Ao contrário, vincula-se a ele, tomando-o como sujeito, co-partícipe dos novos conhecimentos que surgem no processo. Essa perspectiva de praticabilidade, pensamos, também está presente na noção de mobilização do conhecimento, na sua vertente crítica.

Streck (2016) continua sua reflexão, indicando que, da perspectiva participativa, também não cabem as hierarquias entre os conhecimentos, em que o científico é mais valorizado em detrimento do popular. A retroalimentação não significa necessariamente que cabe ao conhecimento científico concluir e fazer recomendações, mas, muitas vezes, fazer novas perguntas, ou seja, não cabe pensar que as respostas venham de alguém de fora dos movimentos e grupos com quem se estabelece o diálogo.

A ideia de praticabilidade como propõe Streck (2016) permite diferenciar o sentido que se dá ao *uso* que caracteriza a noção de mobilização do conhecimento, como proposto originalmente, onde a utilidade sugere muito mais a aplicabilidade por usuários que não participaram de sua produção, ou seja, não se apropriaram do conhecimento produzido, a não ser como usuários. Assim, as colocações de Streck sobre a educação popular como ciência, fundamentadas em princípios que orientam as metodologias participativas em ciências sociais, chamam a atenção também para *o conhecimento*. A reflexão, a retroalimentação, a não hierarquização, sugeridos por Streck (2016), pressupõem um conhecimento - ou vários - que circula e é modificado conjuntamente. Esta ideia também está presente na noção de mobilização do conhecimento, quando se indica a sua multidirecionalidade, embora de forma mais fluida, na qual a proximidade com os *outros* da universidade não é imprescindível. Nesse caso, há um público indiretamente envolvido na co-produção do conhecimento, na condição de usuário. A mobilização do conhecimento se refere então às atividades de aproximação entre produtores e consumidores de conhecimentos. Há que se perguntar o quanto essa condição permite abrir a "caixa preta" da produção dos conhecimentos científicos - o método-, que permitiria a reprodução das tecnologias sociais geradas a partir de determinados conhecimentos.

Ao considerar a mobilização do conhecimento da perspectiva crítica, e, a partir da contribuição Streck que analisa a praticabilidade na educação popular fundamentado nas metodologias participativas em ciências sociais, é possível afirmar que não cabe esse distanciamento. Ao contrário, o estreitamento e a aproximação das ciências sociais e classes populares nos países

latinoamericanos podem ampliar os horizontes da pesquisa e da extensão em ciências sociais.

Mas, a contribuição de Streck sugere a reflexão mais ampliada sobre o(s) conhecimento(s) que circula(m) nessa relação de retroalimentação, de praticabilidade. Existe diferença entre os conhecimentos que os grupos, as populações envolvidas produzem e circulam, e o conhecimento do pesquisador? Esse tema exige um conceito potente de conhecimento, assunto que será abordado na sequência.

O conhecimento e o saber mobilizados

Varsavsky e outros cientistas latinoamericanos² pensaram a ciência nos respectivos países como alternativa para a emancipação, entre as décadas de 1950 a 1970 do século passado. No final deste curto período, o continente latinoamericano, em que muitos países estavam ainda, sob o jugo de governos militares golpistas, seria palco das experiências neoliberais, especialmente o Chile. A partir da década de 1980, com o financiamento dos organismos internacionais, o neoliberalismo se espraia pelo mundo e pelo continente, tornando-se a forma hegemônica das relações sociais no atual momento histórico. Ou seja, no período em que Varsavsky e outros cientistas produziram as ideias em torno da autonomia científica e tecnológica dos países latinoamericanos, já estavam dados os elementos que hoje determinam as relações sociais.

O processo que se seguiu, de reformulação do Estado por dentro, a partir da racionalidade do setor produtivo e, ao mesmo tempo do estreitamento do público, também se refletiu nas ciências. Hoje torna-se difícil considerar a possibilidade redentora que aqueles tecnólogos e cientistas vislumbraram para a ciência e tecnologia latinoamericanos.

Para orientar essa reflexão, vamos nos pautar em Álvaro Vieira Pinto³ contemporâneo de Varsavsky. Em seu pensamento também se nota a marca do seu tempo, por exemplo, na ideia de que o conhecimento científico é superior aos saberes populares. Mas o pensamento de Álvaro Vieira Pinto mantém-se atual. Suas ideias foram tecidas num período (décadas de 1960-1980) em que se criaram e se desenharam os principais eixos que determinam as relações sociais no momento histórico atual, quais sejam: capitalismo financeiro, mudança do

papel do Estado e a conseqüente troca dos bens públicos por bens privados, crescimento das desigualdades, pobreza estrutural, entre outros. Esses eixos se desenvolveram ao ponto de, no momento histórico atual, anunciarem mais uma etapa do aprofundamento da crise do capital⁴. Universidades e pesquisadores tiveram a sua produção e o seu trabalho capturados pelo capital, ao mesmo tempo em que críticas como a pós-moderna contribuíram para o desencantamento da ciência e da tecnologia. Por outro lado, a disseminação na vida cotidiana dos artefatos tecnológicos realiza o efeito contrário: ciência e tecnologia se tornam essenciais. Assim, no atual momento histórico, de desvalorização do campo científico e de desmonte das instituições públicas de apoio à ciência e tecnologia no Brasil, é fundamental retomar Álvaro Vieira Pinto, e extrair ideias elaboradas naquele momento histórico onde as sementes do tempo presente eram plantadas, as quais podem indicar alternativas.

Os conhecimentos científicos e saberes populares foram, historicamente, valorados de modo diferente. O conhecimento, como resultado do processo de trabalho humano, reflete um tipo de representação da realidade que se expressa de diferentes formas. Para esta reflexão, nos interessa focalizar a relação entre dois tipos específicos de conhecimento, o científico e o saber. Entende-se saber como um conhecimento reflexivo, que pressupõe uma autoconsciência por parte do sujeito que o possui, acerca dos seus saberes, comuns e distintivos, que, no entanto, são apropriados espontaneamente, nas vivências cotidianas – de trabalho, de convivência, religiosas e culturais. Ou seja, saber é um conhecimento não sistematizado, cuja criação segue a direção dada pela curiosidade intelectual, individual e coletiva. Como sugere Pinto (1979, p.29) “no nível do saber o homem organiza o conhecimento em formas preliminares, surgidas para atender as necessidades práticas imediatas, porém não alcança o plano da organização metódica”.

A ciência, diferentemente, alcança o conhecimento no plano do método. É conhecimento criado em função das regras do método. Nela, implica identificar não apenas a essência do ser que se busca entender, mas as relações entre as leis que o rege a fim de produzir intervenções precisas. O saber também visa mudar a realidade, mas não de forma sistematizada. No entanto, o fato de ser fruto de método e sistematização não impede que o conhecimento científico seja alienado. Para Álvaro Vieira Pinto, o fazer ciência de modo alienado ocorre quando o cientista, sem autonomia, mimetiza ideias, concepções, métodos, que, em tese, não condizem com a natureza do trabalho

científico. No livro *Ciência e Existência*, Álvaro Vieira Pinto aponta esse fazer ciência mimeticamente, relacionado à discussão do conceito de consciência alienada do trabalhador das ciências. Mesmo realizando o tipo mais elevado de conhecimento – o científico – o trabalhador das ciências encontra-se, muitas vezes, em condições que limitam, sendo incapaz de criar conhecimentos, quando apenas o consome, reproduzindo de maneira ingênua as hierarquias internacionais, pouco ou nada contribuindo para o desenvolvimento dos países periféricos. Esses cientistas mantêm-se reféns de algumas ideias, “E nisso precisamente consiste o aspecto principal da alienação cultural”, afirma Pinto (1979, p.53, grifos nossos), e complementa:

Mas tal atitude não seria possível, se as ideias não contivessem em sua realidade esse aspecto, o de serem bens de consumo, e portanto poderem ser transferidas, exportadas, distribuídas aos que são incapazes de fabricá-las.

Esse alerta de Álvaro Vieira Pinto pode ser trazido também para a noção de mobilização do conhecimento. Ciência de fato, para Álvaro Vieira Pinto (1979, p.53, grifos nossos), é, ao contrário, "um bem de produção, isto é, instrumento de criação de novas condições da realidade." Este núcleo central das ideias do filósofo não só expressa o pensamento da sua época, como já afirmamos, mas vai além, indicando o elemento importante para a discussão sobre mobilização do conhecimento, no momento histórico atual.

Para Álvaro Vieira Pinto o problema da alienação no conhecimento científico está relacionado ao fato de que a ciência formal não inclui a contradição, motivo pelo qual se torna imóvel, a-histórica. Para Pinto (1979, p. 55, grifos nossos) a ciência como manifestação mais elevada de produção de conhecimento, deve incluir a dialética:

A lógica dialética não revoga a lógica formal, inclusive precisa desta para se exprimir. Apenas a envolve como uma concepção mais geral envolve outra menos geral, destinada a valer para as áreas restritas da realidade. A verdade formal é limitada, mas nem por isso é expressão da verdade, que só se torna nociva quando se julga a forma suprema, absoluta e onicompreensiva da verdade.

As ideias de Álvaro Vieira Pinto mantêm-se atuais, uma vez que elas incluem a contradição, que nos permite compreender o processo histórico de criação da científica, no seu movimento contraditório. Para o autor a consciência científica alienada, ingênua, corresponde a um nível de conhecimento

intermediário, entre o saber e a ciência, uma vez que não integra, não se produz dialeticamente, incluindo as contradições.

Conhecimento, saber, ciência, método, metodologia são sínteses histórico-sociais. A leitura de Pinto (1970) sugere ainda que, apesar da dificuldade de formar cientistas, tarefa que exige um tempo longo, esse processo não se limita a um lugar institucionalizado, a universidade, onde ao contrário, o fazer científico se desenvolveu na vertente formalística. O pensar cientificamente pode ser alcançado pelo homem comum, e a universidade pode estar vinculada a esse processo, renovando, inclusive o seu fazer científico, ao entrar em contato com as contradições vivas que permeiam a vida.

É dessa perspectiva crítica que consideramos o conhecimento a ser mobilizado. Ela permite identificar as diferenças e a partir delas as distintas contribuições que podem existir no diálogo entre universidade e sociedade, especialmente quando o cientista social se compromete dialeticamente com o conhecimento e as classes populares. Essas perspectivas de praticabilidade e de conhecimento no processo dialético de sua produção podem ampliar a noção de mobilização do conhecimento, diferenciando-a.

Considerações sobre a mobilização crítica do conhecimento

Tendo em vista a pouca densidade histórica da noção de mobilização do conhecimento e as contribuições de Streck (2016) e de Pinto (1979) aqui analisadas, indica-se, na sequência, considerações sobre essa noção, que também se apresentam abertas e sugerem outros questionamentos e críticas. Mas, com base nas ideias analisadas, a mobilização do conhecimento é considerada de uma perspectiva crítica.

Assim, a mobilização crítica do conhecimento sugere ao pesquisador em ciências sociais estabelecer a relação entre conhecimentos científicos e outros saberes, reconhecendo as diferenças entre eles, o que exige trabalho no sentido de se fazer entender, mas também de trazer os envolvidos para o fazer ciência, o que permite ampliar a formação dos envolvidos. Ao mesmo tempo a mobilização crítica do conhecimento induz o fazer científico a partir de demandas sociais, e inclui as classes populares na sua produção.

Para essa síntese crítica retomou-se a noção de mobilização do conhecimento a partir da produção no GT Ciência social politizada, trazendo as

contribuições de Danilo Streck no que se refere à praticabilidade e de Álvaro Vieira Pinto no que se refere ao conhecimento científico, aos saberes, à alienação na produção científica, indicando uma perspectiva crítica que permite vislumbrar a noção como alternativa.

Referências

BALL, Stephen. Performatividades e Fabricações na Economia Educacional: rumo a uma sociedade performativa. In: **Revista Educação & Realidade**, 35(2):37-55, maio/ago.2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/15865>. Acesso em 03 de outubro de 2021.

NAIDORF, J. C. Knowledge utility: From social relevance to knowledge mobilization. **Education Policy Analysis Archives**, 22(89). p.1-31, 2014. Disponível em; <https://epaa.asu.edu/ojs/index.php/epaa/article/view/1490>. Acesso em 20 de julho de 2018.

NAIDORF, Judith e ALONSO, Mauro. La movilización del conocimiento en tres tiempos. In: **Revista Lusófona de Educação**, 39, p. 81-95. 2018. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/issue/view/720>. Acesso em 15 de janeiro de 2019.

NAIDORF, Judith. PÉREZ MORA, Ricardo e GONZÁLEZ RÍOS, Isidora. Nota Introdutória. In: **Revista Lusófona de Educação**, 39, p.77-79 - 2018. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/issue/view/720>. Acesso em 15 de janeiro de 2019.

NAIDORF, Judith; PERROTTA, Daniela. La ciencia social politizada y móvil de una nueva agenda latinoamericana orientada a prioridades. **Rev. educ. sup**, Ciudad de México , v. 44, n. 174, p. 19-46, jun. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-27602015000200002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 15 de janeiro de 2019.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e Existência**. Problemas filosóficos da pesquisa científica - Conhecimento, saberes e ciência. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

STRECK, Danilo Romeo. Metodologias participativas de pesquisa e educação popular: reflexões sobre critérios de qualidade. In: **Interface** 20 (58) - p.537- 547. Jul-Sep 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/DZgyZp4BzXBXkbsvZQtnMrh/abstract/?lang=pt>. Acesso em 30 de junho de 2020.

VIDAL, Carlos Martínez e MARI, Manuel. La Escuela Latinoamericana de Pensamiento en Ciencia, Tecnología y Desarrollo. Notas de un Proyecto de Investigación. In: **Revista Estudios**. Número 4 / Septiembre - Diciembre 2002.

Notas:

¹ Sobre a nova gestão pública, ver por exemplo, NEWMAN, Janet; CLARKE, John. Gerencialismo. In: *Educação & Realidade*, v. 37, n. 2, p. 353-381, 2012.

² Entre eles: J.A. Sábato, H. Jaguaribe, A. Herrera, J.P. Ferreira, Máximo Halty-Carrère, Carlos Martínez Vidal, Javier Urquidi, Francisco Sagasti, Miguel Wionczek, como indicam Vidal e Mari (2002), nomeando as ações e o pensamento desse conjunto de cientistas e tecnólogos de Escuela Latinoamericana de Pensamiento en Ciencia, Tecnología y Desarrollo.

³ Sobre a vida e obra de Álvaro Vieira Pinto ver, por exemplo: CÔRTEZ, Norma. *Esperança e democracia. As idéias de Álvaro Vieira Pinto*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2001 (tese de doutorado), além dos sites do CPDOC-FGV: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/alvaro_vieira_pinto: e o blog: <http://www.alvarovieirapinto.org/referencias/resumo-biobibliografico/>

⁴ Uma perspectiva da transição pode ser encontrada em MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital. Rumo a uma teoria da Transição*. São Paulo: Boitempo. Trad. Castanheira, Paulo César e Lessa, Sérgio. 2002

*Recebido em outubro 2021
Aprovado para publicação em outubro de 2021*